

legitimamente sua função apenas nas asserções. Um segundo problema filosófico é que as duas caracterizações se baseiam na palavra “sobre”. Isso é um problema porque os filósofos usam tradicionalmente a noção de “ser sobre algo” para distinguir o uso referencial de outras funções gramaticais. Assim, a caracterização que o autor faz entre os usos atributivo e referencial das descrições definidas não é adequada nesse ponto.

## 2 A cauda abanando o cão

Um dos mais importantes artigos do século XX é “Lógica e conversação”, de H. P. Grice. Ele é importante por causa de sua nova e vigorosa teoria da comunicação lingüística, não por causa de sua estrutura literária, que a meu ver deixa a desejar. Seu artigo começa com a descrição de um problema relativamente restrito da filosofia da lógica e das duas atitudes que filósofos de diferentes ideologias têm tomado a seu respeito. O artigo vai então ao seu tópico principal, a construção de uma teoria geral da conversação, teoria que supostamente traz em si os recursos para que se resolva o problema. O que há de errado nessa estrutura, do ponto de vista retórico, é que um problema tão estreito e abstruso não é suficiente para justificar uma teoria geral da conversação tão complicada e de tão largo alcance quanto a de Grice. Esse problema retórico é consequência de uma questão filosófica substantiva: um problema restrito não pode justificar a construção de uma elaborada teoria geral, ou seja, Grice parece estar usando um canhão para matar uma mosca.

Como a introdução do artigo de Grice é demasiadamente longa para ser reproduzida aqui, concebi um fragmento de ensaio que padece do mesmo defeito:

### Lógica e conversação

É bem sabido em lógica filosófica que as constantes lógicas, isto é,

$\&$ ,  $\vee$ ,  $\sim$ ,  $\supset$ ,  $\leftrightarrow$ ,  $\exists$

não parecem corresponder em termos de significado às suas traduções correspondentes em inglês,

and, or, not, if..., then, if and only if, there exists  
[e, ou, não, se..., então, se e somente se, há].

Os filósofos assumiram tipicamente uma de duas atitudes com relação a essa falta de correspondência. Os formalistas pensam ser isso uma indicação do caráter inexato da língua natural e dizem “Tanto pior para a língua natural”. Os informalistas julgam ser isso uma indicação da estreiteza das linguagens formais e dizem “Tanto pior para as linguagens formais”. Os dois grupos concordam em supor que há de fato uma discrepância de significado entre as constantes lógicas e suas traduções em língua natural. Alegarei que esse pressuposto comum é falso. Vou fazê-lo desenvolvendo uma teoria da comunicação lingüística que se aplica ao uso da linguagem em geral.

Como uma teoria da comunicação lingüística deveria ser e de fato é o foco do ensaio, esse desenvolvimento